

## Re-orientação profissional, orientação e o processo de escolha: notas sobre experiências vividas<sup>1</sup>

*Edite Krawulski<sup>2</sup>; Márcia C. B. Siqueira<sup>3</sup>; Sônia S. Caetano<sup>4</sup>;  
Carla T. Cascaes<sup>5</sup>; e Dulce H. P. Soares<sup>6</sup>*

### Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o trabalho de re-orientação profissional realizado junto ao LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC. O trabalho em atendimento grupal com jovens e adultos em processo de escolha profissional nos levou a questionar sobre as peculiaridades de cada tipo de atendimento.

### Abstract

This paper presents a reflection on the vocational reorientating work done by the Laboratory for Information and Vocational Guidance from the Federal University of Santa Catarina. The attendance of youth and adults groups who face the challenge of professional choice has led us to question the peculiarities of each type of attendance.

---

<sup>1</sup> *Professional reorientation, orientation and the process of choice: notes of lived experiences.*

<sup>2</sup> Professora Assistente do Departamento de Psicologia da UFSC e Coordenadora do LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional.

<sup>3</sup> Psicóloga e psicoterapeuta com formação em sistêmica.

<sup>4</sup> Psicóloga.

<sup>5</sup> Psicóloga.

<sup>6</sup> Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFSC e Coordenadora do LIOP.

Descrevemos, ainda, neste trabalho as semelhanças e diferenças entre os grupos de orientação profissional, freqüentados por jovens que estão em busca de sua primeira escolha, e os grupos de re-orientação profissional, compostos em sua maioria, por jovens e adultos que estão trocando de profissão ou buscando reafirmar a primeira escolha.

Ao final apresentamos um breve relato de uma experiência prática em grupos de re-orientação profissional.

We are going to describe the similarities and differences between the groups composed by youth which seek professional guidance with regard to their first choice and groups which look for professional reorientation and are mainly made up by young and adults who are changing their occupation or attempting to reaffirm their first choice.

At the end, we present a brief report on a practical experience with groups of professional reorientation.

**Palavras-chave:** orientação e re-orientação profissional, processo de escolha e mercado de trabalho.

**Keywords:** vocational guidance and reorientation; process of choice.

\*\*\*\*\*

## Introdução

As atividades grupais de Orientação Profissional (OP) e Re-Orientação<sup>7</sup> Profissional (REO), que vêm sendo desenvolvidas junto ao Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP) do Curso de Psicologia da UFSC nos remetem, sistematicamente, a reflexões sobre estas práticas, bem como a buscar bibliografia complementar, como forma de aprimorar nossa tarefa.

Especificamente a respeito de REO, deparamo-nos com uma carência de material bibliográfico, o que nos suscitou o desejo de escrever sobre nossa experiência, aliando-a a outros trabalhos realizados nesta área. Em nossa prática, fomos igualmente percebendo e identificando peculiaridades inerentes aos grupos e indivíduos que buscam cada uma dessas modalidades de orientação.

---

<sup>7</sup> Optou-se pela grafia "re-orientação" a fim de marcar um atendimento diferenciado da orientação profissional, atingindo àquelas pessoas com experiência anterior na universidade ou no mundo do trabalho, e que vieram em busca de uma 'nova' orientação.

Para os grupos de REO, diferentemente dos adolescentes que buscam a OP, recebemos, além de universitários, sujeitos desempregados, oriundos de um mercado de trabalho exigente e seletivo, fruto das suas transformações e novas tendências, chamando nossa atenção e nos fazendo pensar sobre esta realidade, bem como sobre a diversidade de nossa clientela.

Neste sentido, este artigo expõe as idéias que sistematizamos até aqui, traçando um paralelo que busca descrever semelhanças e diferenças entre os dois processos.

Ao final, expomos, num breve relato, um recorte de nossa prática com grupos de REO. Este trabalho desenvolveu-se durante estágios curriculares realizados nos anos de 1997 e 1998.

Abordaremos também as várias facetas do processo de escolha profissional, cuja separação em tópicos é mero recurso didático, uma vez que, na realidade, estes fatores estão imbricados e fazem parte de uma rede de inter-relações que integram a vida dos indivíduos envolvidos.

## **Adolescência e escolha profissional**

É no período da adolescência, tempo de crise por excelência, que se constituem as primeiras dúvidas relativas à necessidade de escolha profissional, ou, senão, a necessidade de ter certeza de uma profissão específica, sem contestação, que, não raramente, faz parte de um projeto familiar, e não do jovem envolvido.

Segundo BOHOSLAVSKY (1993:61), crise diz respeito à ruptura de uma forma estabelecida de relação, é algo que nasce e que morre. No caso específico da adolescência, diz:

*... todo adolescente é uma pessoa em crise, na medida em que está desestruturando e reestruturando tanto seu mundo interior como suas relações com o mundo exterior.*

Eis que a criança de ontem, cheia de sonhos e fantasias, de repente vê-se modificada: a voz e as formas corporais se alteram, os sentimentos se confundem... Há, então, uma mistura de emoções: o adolescente começa a ver o mundo de outra forma: no íntimo, várias descobertas e sentimentos contraditórios; é tido ainda pelos pais como criança, ao mesmo tempo que tem que se responsabilizar por suas escolhas. É por demais criança para certas decisões (como sair à noite, por exemplo) e não

é mais criança, já é “grande” para escolher uma profissão, decidir seu futuro, e mais, escolher algo que lhe proporcione uma vida estável! Também não é permitida ao jovem a possibilidade de errar em sua escolha, de poder tentar de novo, re-escolher; e isso torna a hora da escolha uma tarefa mais árdua.

O autor citado ressalta também que o adolescente, além de deixar várias coisas para trás, deixa também suas fantasias. Isso gera consequências, tanto para ele próprio quanto para a sua rede de inter-relações, porque geralmente está mais vinculado aos objetos que precisa abandonar do que aos que vai buscar. Mais do que tudo, precisa abandonar as fantasias que criou a respeito desses objetos perdidos. Assim, a escolha implica na elaboração de lutos.

As decisões envolvidas no processo de escolha profissional vão definir quem o adolescente será (ou não será), com o quê vai trabalhar, com quem, onde, enfim, qual a direção que sua vida terá no futuro. É, portanto, uma forma de ser que está sendo definida a partir do momento da escolha.

Entretanto, este momento não deveria assumir uma conotação dramática e desesperadora, porque, afinal, na vida são muitas as escolhas que deverão ser feitas. No mais, perceber que escolha implica em crise e mobilização para resolvê-la, já é um aspecto positivo no processo. Para quem não se dá conta do que está ocorrendo, por estar muito envolvido, não percebendo como estão agindo as influências ao seu redor (e dentro de si), não há um prognóstico muito favorável. Neste caso, seria necessário empreender com o jovem um bom trabalho de conhecimento de si mesmo, para que ele perceba quais são seus desejos e quais os desejos e aspirações dos outros, auxiliando-o a decidir de modo mais consciente.

### **Escolha profissional e as influências familiar e escolar**

É muito comum vivenciarmos cenas cotidianas dos pais perguntando ao filho pequeno: “Joãozinho, o que você vai ser quando crescer?” E, em seguida, a resposta esperada por quase todos: “Ah, eu vou ser médico, igual ao papai!” Alívio geral, pois está garantido seu futuro profissional.

Mesmo as crianças que mal aprenderam a falar, muitas vezes, já têm uma profissão desejada pelos familiares. A estória a seguir ilustra esse desejo: “Num belo dia, passeando com seus dois filhos na pracinha, uma distinta senhora encontra uma amiga que há muito não via. Após abraços de reencontro, a amiga pergunta: - “São seus filhos? Que lindos,

que idade têm?” E a mãe, muito orgulhosa, responde prontamente: - “Ah, o engenheiro tem quatro anos e o médico oito meses.”

Risos à parte, esta estória ilustra o projeto de vida que os pais têm para seus filhos, muitas vezes explícito, declarado, outras vezes nem tanto, mais camuflado, embutido nas entrelinhas do cotidiano. O fato é que, conscientes ou não, há sempre expectativas da realização de um sonho para os filhos: o sonho de ficarem bem no futuro, de escolherem uma profissão que lhes permita estabilidade e segurança e que não os faça sofrer. Por conta destas fantasias de proteção, os pais (e a dinâmica familiar) não se dão conta dos estereótipos criados sobre as profissões, a partir da sua valoração social mais do que das condições de mercado propriamente ditas, muitas vezes difíceis. Nessa dinâmica, ignoram os sentimentos e a opinião do próprio jovem, o que ele pensa dessa escolha, se é também sua ou não, do que gosta ou não, o que significa “trabalho” para esse indivíduo, enfim, o que lhe faz feliz e qual o seu desejo.

É inegável a influência da família, seus desejos, anseios e medos, na vida dos indivíduos. Mesmo antes de nascer, muitas vezes já existe um projeto de vida traçado pela família para aquele bebê. A família é o primeiro grupo social; para a criança, é o primeiro contato com o outro, é onde se percebe que o mundo não é só seu: que existe o “‘EU’, o ‘OUTRO’ e o ‘NÓS’”.

Assim, dependendo de como se estrutura a dinâmica familiar, molda-se também a personalidade do jovem, via aquisição de valores, costumes, noções culturais e éticas peculiares àquele grupo social. Segundo SOARES (1987:54):

*A relação que se estabelece na dinâmica de cada família e os papéis que cada membro assume levam as pessoas a realizarem determinadas escolhas nem sempre coincidentes com suas reais potencialidades, por nunca terem parado para analisar a situação mais profundamente.*

O papel ideal da família seria o de oferecer suporte às decisões, ajudando o jovem na resolução da crise que envolve a escolha. Infelizmente, na prática, esta postura muitas vezes deixa de ocorrer, não se levando em consideração o que a pessoa sente, pensa, gosta ou detesta, por ainda percebê-lo como criança, que não sabe o que quer, os pais querem decidir por ele, escolhendo sua profissão e estabelecendo o que é melhor na sua ótica, cuja intenção é das melhores.

Assim, os filhos às vezes “escolhem” a profissão de um dos pais, ou a de alguém da família admirado pelo êxito na profissão, ou então uma atividade sonhada e não realizada pelos pais, ou por tradição profissional familiar, ou ainda uma que detenha *status* social, muitas vezes sem correspondente à altura no mercado de trabalho. Outras vezes, opondo-se ao desejo dos pais, os jovens escolhem profissões completamente adversas, igualmente sem haver uma reflexão que lhe permitam identificar se, de fato, se trata de um desejo próprio, como pessoas que sentem, pensam e querem se realizar num futuro profissional.

Além das influências familiares é essencial reconhecer a dinâmica da vida escolar vivenciada pelo jovem e sua influência no processo de escolha. Informações acerca de como vê a escola, quais são suas matérias preferidas e quais as preteridas, o que gostava, o que não gostava, fornecem “pistas” valiosas à configuração de seu projeto profissional futuro, uma vez que desde cedo, a criança passa uma boa parte de sua vida na instituição escolar, sendo que esta é de fundamental importância para sua formação como pessoa. Infelizmente, tem-se no Brasil uma estrutura de ensino muito segmentada (desde a pré-escola até a universidade), o que faz com que o conhecimento obtido na escola - um imenso arsenal de ensinamentos -, venha de forma fragmentada fazer-nos pessoas. Não há uma integração de conhecimentos, formando ligação com o mundo prático, profissional.

Todo o sistema social e histórico de fragmentação do ensino envolvido nesta questão extrapola os limites do que se pretende abordar aqui. No entanto, é preciso considerar que a escola, que poderia facilitar o processo de escolha profissional do jovem, de maneira a integrar os conhecimentos produzidos com reflexões acerca de seu futuro, reunindo e disponibilizando informações sobre as profissões e sobre o mercado de trabalho, deixa de cumprir este papel, que seria de importância vital, pois assim o jovem saberia qual o significado do aprendizado para sua vida adulta. Talvez fosse necessário um trabalho de base com os educadores, neste sentido, destacando o caráter preventivo desse tipo de Orientação.

### **Escolha profissional, trabalho e compromisso social**

Consideramos que a questão da escolha profissional encontra-se profundamente atrelada à significação atribuída ao trabalho, uma vez que escolher uma profissão nos remete à definição de nossa vida

ocupacional futura, ainda que de forma provisória. Esta atribuição de significado para o trabalho varia conforme a singularidade de cada pessoa, suas vivências, suas experiências familiares, escolares, sociais, profissionais, etc. Para algumas pessoas o trabalho significa tudo, para outras uma forma de subsistência; para uns realização pessoal, para outros uma atividade que seja socialmente relevante. Para KRAWULSKI (1998:7):

*Considerado em sua mais ampla acepção, o trabalho pode ser concebido como o exercício da atividade humana, quaisquer que sejam a esfera e a forma sob as quais esta atividade seja exercida.*

O Dicionário Aurélio (Rio de Janeiro : Fronteira, 1999) aponta os seguintes significados para definir trabalho:

1. aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim;
2. atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento;
3. trabalho remunerado ou assalariado, serviço ou emprego;
4. local onde se exerce essa atividade;
5. qualquer obra realizada;
6. lida, labuta;
7. bras. v. bruxaria;

A preocupação inicial dos jovens que buscam OP é de encontrar a profissão “certa”, que constituirá a identidade profissional deles na sociedade, futuramente, através do exercício de um trabalho. É bom lembrar, porém, que não se trata somente da busca de uma definição ocupacional, mas também vital para o indivíduo, uma vez que a decisão irá refletir-se em vários aspectos de sua vida e não só no seu trabalho, transpondo os limites de um “hospital” ou “escritório”. Um modo de vida estará sendo delineado a partir da escolha da profissão.

A decisão por uma profissão também esbarra nas limitações do mercado de trabalho; numa sociedade consumista, muitas vezes o indivíduo vê-se solitário e desamparado no processo de decidir entre o que ser, o que quer ter e o que há, na realidade para fazer. Se, por um lado, todos somos compelidos a buscar algo que dê algum retorno financeiro, porque assim é a vida numa sociedade regida pela lógica capitalista, por

outro, é essencial buscar conciliar, tentar harmonizar o que se tem que fazer e o que se gosta de fazer com o que dá prazer! Como um ideal a ser perseguido, é preciso buscar um ponto de equilíbrio para que haja satisfação no trabalho e na vida, além da realização pessoal e profissional.

Numa sociedade como a nossa, cuja tendência pauta-se pelo compromisso com o individual em detrimento do bem comum, não é de se estranhar que os jovens, ao chegarem à fase de se definirem profissionalmente, tenham dificuldades em perceber e vislumbrar, no seu futuro profissional, um meio de prestar serviço e auxílio à comunidade em que estão inseridos. É comum, quando solicitados a se imaginar no futuro, trabalhando, os jovens participantes de grupos de OP verem-se apenas como profissionais bem sucedidos, empregados, com boa remuneração e vivendo confortavelmente com suas famílias, confirmando a dimensão individualista.

A dimensão social do trabalho, a possibilidade de mudanças e a construção de uma nova sociedade através dele constituem, sob nossa ótica, um paradigma importante a ser considerado e discutido com os jovens, de modo a se preparem também para o exercício de um papel social.

Reforçando a importância de despertar no jovem o compromisso social, LISBOA (1995) mostra-nos como, através de seu trabalho em Orientação Vocacional/Ocupacional, busca levar os jovens a se comprometerem, através da escolha profissional, com esta dimensão social. Ela destaca:

*quanto à possibilidade do futuro trabalhador, em seu fazer, comprometer-se conscientemente na dimensão da construção e da transformação da sociedade, uma vez que se observa cada vez mais em nosso país a população economicamente produtiva vincular-se social e profissionalmente pela via do descompromisso com o coletivo e do compromisso com o fator individual, em detrimento da humanização e da hominização: sem base nos referenciais situados nas dimensões da solidariedade, da construção em conjunto, ou seja, aqueles que vão além do individual e do imediato.*

Sendo assim, o trabalho de OP, além de auxiliar os jovens a buscar uma identidade profissional, deverá ter também como objetivo conduzi-los a se preocuparem com a construção e transformação da sociedade em que vivem, via conscientização de que seu futuro trabalho pode levar a uma melhoria da qualidade de vida para todos.



## **Re-orientação como possibilidade de redefinição do projeto de vida profissional**

O trabalho de REO se assemelha ao de OP, na medida em que também trabalhará, dentre outras, a questão da escolha, sendo desenvolvido com indivíduos que já realizaram uma primeira escolha profissional.

A proposta da REO é a de auxiliar na identificação de uma nova profissão ou de “clarear” sobre a escolha feita, confirmando-a, muitas vezes. O re-orientador auxiliará, através de técnicas específicas, a que o re-orientando chegue a uma possível re-escolha, podendo visualizar, inclusive, os motivos pelos quais precisa refazer sua escolha, localizando onde reside sua insatisfação com a primeira opção. Em nossa prática temos constatado que as pessoas procuram a REO por diversos motivos e/ou situações: - os estudantes universitários buscam-na por não se encontrarem satisfeitos com o curso que estão fazendo, para se certificarem de que estão na opção certa, ou para conhecerem-se melhor e entenderem porque temem não conseguir colocação no mercado de trabalho, dentre outros motivos; - desempregados, oriundos de um mercado formal de trabalho cada vez mais escasso, produtos do desemprego estrutural e crise econômica em que nos encontramos atualmente, procuram-na com o intuito de identificar uma nova opção profissional; - indivíduos que não estão satisfeitos com a atual profissão, por diversos motivos: não escolheram, foram “escolhidos” para uma profissão, abraçaram a primeira oportunidade que apareceu, realizaram o projeto profissional dos pais e não o seu e vêm à procura da sua “verdadeira vocação”.

Procuram a REO também, sujeitos satisfeitos com o trabalho atual, mas que por um motivo ou outro, manifesto ou não, querem trocar de profissão ou adicionar outros “fazeres” à sua vida. Os aposentados, aqui incluídos, procuram nova colocação pela necessidade de complementar os ganhos, uma vez que os vencimentos da aposentadoria são insuficientes, ou porque querem nova ocupação, como modo de preencher o tempo vago.

Muitas pessoas buscam a REO esperando encontrar, através de testes vocacionais, sua “verdadeira vocação”, não identificada quando da primeira escolha. Esta idéia errônea a respeito não só das possibilidades “milagrosas” do teste em encontrar-lhe a ocupação “certa”, mas também de imaginá-la única e para o resto da vida foi, durante muitos anos, considerada a resolução dos problemas em Orientação Vocacional, usada em larga escala nas escolas e nas empresas. Tal situação encon-

trou berço propício nas décadas de 30 e 40, em que se procurava encontrar o “homem certo para o lugar certo”, visto que a crise econômica da época produzia desemprego e, ao mesmo tempo, a industrialização e mecanização exigiam profissionais especializados, que os testes, supunha-se, poderiam identificar com precisão.

A REO também se aplica a trabalhadores ocupantes de cargos extintos do organograma das empresas, fruto da tecnologia ou reorganização administrativa e que então precisam ajustar-se a um novo cargo e identificar outra(s) atividade(s) a ser(em) desempenhadas.

Ao re-orientador compete facilitar este processo de descoberta de novos caminhos, utilizando-se de técnicas específicas, mas principalmente através da metodologia grupal. Esta forma de trabalho parece-nos ser a mais produtiva, considerando-se que todos os participantes encontram-se numa mesma situação, podendo, então, trocar experiências vividas e auxiliarem-se mutuamente. Para poder re-escolher, no entanto, é preciso que o indivíduo, num primeiro momento, faça um movimento introspectivo, de se conhecer melhor e buscar saber o que determinou as escolhas anteriores na sua vida profissional. Conhecer a realidade do mercado de trabalho atual e suas possibilidades também é importante para permitir-lhe então, se possível e/ou necessário, fazer uma nova escolha.

O re-orientador deve procurar contribuir na reflexão sobre o projeto de vida pessoal e profissional e, a partir de tal reflexão, na busca de novos caminhos, auxiliar as pessoas a se darem conta de como lidam consigo, com as relações de trabalho e sociais, para então, se necessário, reestruturar tais relações, de um modo adequado para si e para a sociedade. É fundamental que, neste processo, os indivíduos construam “pontes” entre o mundo interno e externo, e aprendam a lidar com as possibilidades e limitações presentes em ambos.

O auxílio na readaptação do sujeito a novos cargos e, sobretudo, a ênfase em trabalhar os aspectos psicológicos envolvidos nas diversas etapas da carreira profissional, procurando manter íntegra a identidade pessoal do sujeito, também é requerido do profissional de REO.

Se, para a clientela que busca a OP, existe uma pressão interna que a angustia, decorrente da iminência do vestibular e conseqüente necessidade de chegar a uma definição quanto ao curso a escolher, nos casos de REO é possível identificar, do mesmo modo, uma pressão, porém, neste caso, decorrente da frustração por uma escolha malfeita ou por ter que “começar de novo” a escolher, devido a mudanças no seu mundo

interno ou externo. Dada esta peculiaridade, o re-orientando, via de regra, tem pressa no seu processo, como forma de recuperar o tempo perdido!

Neste processo, portanto, o papel do re-orientador não se restringe apenas a auxiliar na readaptação aos novos cargos, mas, sobretudo, a trabalhar a estrutura psicológica requerida nesta mudança. Auxiliará também na identificação e desenvolvimento de outras capacidades pessoais para fazer frente às novas ocupações que surgirem, como criatividade, flexibilidade, desenvolvimento da conscientização do trabalho produtivo em equipe, bem como a busca de novos espaços, procurando ir além do convencional.

### **Semelhanças e diferenças entre orientados e re-orientandos profissionais**

Ao longo de nossa atuação, fomos percebendo que, não obstante as semelhanças que apresentam, os grupos de orientação e re-orientação profissional revelam também certas peculiaridades, características dos momentos de vida distintos em que se encontram as pessoas que deles participam.

As *semelhanças podem* ser identificadas na:

- Urgência de uma decisão - a necessidade e urgência em fazer uma escolha profissional está presente em ambos os grupos, sendo que o que difere é a motivação para fazê-la, envolvendo, em ambos os casos, um processo decisório para o qual concorrem vários fatores de influência.
- Presença de ansiedade e dúvida - os sujeitos, quando vêm para OP e REO apresentam-se extremamente ansiosos frente ao futuro profissional, trazendo também muitas dúvidas, configurando-se estas como resultado da pressão exercida pela família, bem como do medo de errar na escolha ou re-escolha.
- Necessidade de informação profissional - há uma expectativa muito grande em obter informação profissional, sendo este um dos maiores objetivos, principalmente dos jovens de grupos de OP, que imaginam que a detenção de tais informações, por si só, definirá sua escolha profissional.
- Presença de complicadores pessoais - quando das entrevistas individuais, que precedem os trabalhos em grupo, detectamos, além das dúvidas quanto ao futuro profissional, conflitos nas vidas

personais, podendo estes serem ou não um complicador para o processo de OP ou REO, dependendo de como cada indivíduo lida com estes problemas e qual o grau de consciência alcançada a respeito. A presença de complicadores pessoais também é constatada durante o processo grupal, ou ainda somente no final do processo, durante as entrevistas devolutivas. De qualquer modo, é importante essa detecção, porque permite-nos compreender, por exemplo, casos de impossibilidade temporária de realizar escolhas, respondendo ao porquê da dificuldade de fazê-lo.

- Pressão no sentido de atender expectativa familiar - percebemos como é forte a pressão da família sobre os sujeitos de ambos os grupos para que atendam às suas expectativas. Para o adolescente orientando, esta pressão é exercida no sentido de que faça a escolha certa, para mais tarde não ter que re-escolher e, ao mesmo tempo, que coincida com as escolhas já feitas pela família. Não muito diferente ocorre para os re-orientandos, que são pressionados para que permaneçam na escolha familiar, dificultando, e às vezes, impedindo, que busquem suas próprias escolhas, em caso de insatisfação com escolhas anteriores.

Já as diferenças entre a clientela de cada modalidade de grupo dizem respeito, na maioria das vezes, a:

- Grau de maturidade e idealização da escolha profissional - o jovem orientando, na maioria das vezes, vivenciou poucas oportunidades de escolha, e o momento que se apresenta, de optar por um futuro profissional, lhe é novo, trazendo junto a necessidade de tornar-se responsável por tal escolha. Como neste momento a maturidade ainda é incipiente, ocorrem, com frequência, escolhas idealizadas. Já para os re-orientandos, em sua maioria pessoas com pouco mais maturidade, o processo de re-escolha funda-se mais nas experiências anteriores de sucesso/frustração e menos na idealização.
- Motivação para fazer a escolha profissional - os motivos que levam os sujeitos de cada grupo a fazer sua escolha é inerente à etapa de vida de cada um. Para o jovem orientando, a resolução do conflito envolvido no processo de escolha torna-se urgente, em função do vestibular. Para os re-orientandos, por sua vez, que já contam com uma escolha feita anteriormente, observa-se que as dúvidas, ansi-

idade e medo vêm acrescidos da experiência de frustração pelo erro da última escolha, e que a insatisfação de estarem fazendo o que não gostam, é que torna mais premente a resolução do conflito da escolha profissional.

- Nível de exigências e questionamentos - o nível de exigências e questionamentos dos sujeitos, quanto às proposições e trabalhos levantados no grupo, conforme temos constatado, é diretamente proporcional às suas experiências de vida e grau de maturidade. Quanto mais experiência vital possuem, mais “dados” ou elementos são buscados para questionar o momento de vida pelo qual estão passando. É perceptível esta diferença entre os grupos de OP e REO, havendo neste último, muito mais polêmica, discussão e aprofundamento de questões. Não que os jovens adolescentes não questionem. Eles discutem e questionam igualmente, mas o teor das discussões tem por base o aqui e agora, o que estão vivendo no momento, pois detêm uma “bagagem” menor de conhecimentos e experiências de vida, sem muito aprofundar suas discussões acerca do futuro. Em relação aos grupos de REO, o nível de exigência e questionamento é bem maior também porque, conforme ressaltamos anteriormente, sua “bagagem” de vida vem acrescida de uma frustração pelo erro da primeira escolha, ou seja, pelo fato de estarem cursando ou já serem formados num curso que não lhes está interessando ou não lhes satisfaz.

### **Descrição do trabalho com grupos de re-orientação**

Relatamos aqui observações oriundas de experiências obtidas na coordenação de alguns grupos de REO, as quais certamente não poderão ser generalizadas, mas poderão servir como ponto de partida para novas experiências semelhantes e sedimentação de conhecimentos na área.

O processo de REO, segundo nossa metodologia de trabalho, começa com uma entrevista, individual, com o objetivo de levantar expectativas em relação a este processo, saber quais são as preferências, as expectativas e influências familiares sobre suas escolhas, qual curso está fazendo, que atividades profissionais tenha ou esteja desempenhando, enfim, conhecer um pouco cada re-orientando, para facilitar o planejamento das atividades grupais subseqüentes. Na entrevista, inicia-se um “contrato psicológico” de trabalho, que será “fechado” no primeiro encontro do grupo.

Após a formação dos grupos, com dois coordenadores atuando em unidade funcional, iniciam-se os encontros, um por semana, com duração de duas horas cada, num total médio de oito.

Em cada encontro são aplicadas técnicas específicas que proporcionem um bom aquecimento e integração dos participantes. Durante o processo, aprofunda-se o autoconhecimento e se introduzem reflexões acerca do mundo do trabalho e suas transformações, além do conhecimento das profissões para, posteriormente, trabalhar-se o processo da escolha e re-escolha propriamente ditas.

A faixa etária dos sujeitos atendidos nos grupos tem variado entre 18 e 36 anos de idade, contemplando desde jovens recém ingressos na universidade, formandos, bem como pessoas que já trabalhavam e tinham um caminho profissional trilhado, e, ainda, aqueles desempregados há algum tempo, havendo indivíduos de ambos os sexos.

Verificou-se a procura pelo trabalho de REO, por parte de pessoas desempregadas, que buscavam no grupo a oportunidade de encontrar uma ocupação. Foi então explicitado o propósito do trabalho, que não atenderia a este objetivo.

Observamos que as pessoas desempregadas chegavam muito atrapalhadas e confusas sendo, justamente, as que apresentavam maiores complicadores pessoais (processos depressivos, decepção amorosa, alcoolismo na família, etc...). Sob este aspecto, ficamos com algumas indagações: será que estas pessoas achavam-se atrapalhadas e confusas, em decorrência de seus complicadores pessoais ou, por estarem, naquele momento, desempregadas, sentiam-se abaladas em sua auto-estima, como resultado do processo de exclusão do mercado de trabalho? Será que tais pessoas são candidatas potenciais ao desemprego?

Para os sujeitos que participaram de todo o processo, observou-se uma considerável evolução em sua integração junto ao grupo, passando de uma fase inicial, de desconforto e insegurança, para uma maior participação e sentimento de valorização.

O retorno recebido demonstrou quão importante foi, para os participantes, terem vivenciado o processo, pois puderam se conhecer um pouco mais, flexibilizar alguns aspectos e valores de vida cristalizados, atualizar-se a respeito das tendências do mercado de trabalho e até mesmo visualizar outros caminhos profissionais até então inexplorados. Como exemplo, um dos participantes, de 36 anos de idade, formado em História, com grande habilidade artística e que se ocupava, no momento, em

ministrar cursos de esculturas personalizadas em açúcar para bolos de aniversário/casamento (técnica criada por ele) concluiu, através do processo de REO, que poderia trabalhar também com recuperação de fotografias antigas e/ou obras de arte, aproveitando e unindo suas aptidões artísticas ao seu conhecimento em História e Arte.

Outro participante, de 22 anos de idade, pensava em abandonar o curso universitário de Letras/Alemão, pois, segundo dizia, tal escolha havia sido influenciada por sua mãe, de origem alemã. Ao final do processo, entendeu que a língua alemã poderia ser um forte diferencial para si, no mercado de trabalho, como segundo idioma. E que poderia acrescentar ao seu currículo o curso de Publicidade e Propaganda que é o que realmente gostaria de ter feito. Considerando que não tinha urgência em começar a trabalhar, poderia melhor qualificar-se e, assim, aumentar sua empregabilidade.

Deparamo-nos com uma certa inibição inicial, por parte de alguns integrantes, que pode ser creditada às diferentes “bagagens” de vida de cada um, difíceis, naturalmente, de compartilhar num primeiro momento, já que dos grupos participaram profissionais formados há mais tempo, jovens em início ou meio de um curso superior e também indivíduos de nível técnico, que não buscavam uma formação universitária necessariamente, mas uma profissão que se adequasse a seu perfil.

Em um dado momento do processo, visando proporcionar ao grupo informação profissional, convidamos profissionais de diferentes áreas para apresentar sua experiência de vida profissional. Observou-se então que os re-orientandos mais jovens, ainda estudantes universitários, manifestaram maior interesse em obter destes profissionais convidados, informações diversas a respeito do curso, como tempo de duração, currículo, estágios, etc., uma vez que se sentiam desgostosos com as disciplinas/professores e não necessariamente com seu futuro profissional. Neste caso, os aspectos técnicos das profissões apresentadas despertaram maior interesse. Já para alguns re-orientandos já formados e outros com alguma vivência profissional, o interesse maior foi sobre a história de vida - aspectos vivenciais - dos profissionais convidados, e menor sobre aspectos técnicos da área em que estavam atuando.

Foi imensa nossa alegria ao confirmar a ajuda que o processo de REO efetivamente proporcionou a algumas pessoas, as quais se sentiram encorajadas a acreditar em si próprias e a contrapor suas escolhas. Este resultado é caracterizado no caso de uma jovem universitária, da primei-

ra fase de Administração, morando longe da cidade de origem e mantida financeiramente pelo pai. A condição para que continuasse morando onde estava era de que permanecesse fazendo tal curso, que fora escolhido por ele, cobrando-lhe satisfazer o desejo paterno, que fora anteriormente declinado pelos outros dois filhos. Seu conflito era bastante intenso, já que não se sentia suficientemente forte para enfrentar a determinação do pai e assumir sua própria escolha (segundo ela, Ciências Sociais, Sociologia ou Serviço Social). Ela alegava que não tinha muita certeza do que queria e, diante disso, não tinha argumentos para contrapor-se. Durante os encontros, os aspectos conflituosos da “escolha paterna” e de sua própria escolha profissional puderam ser trabalhados, a tal ponto, que ela conseguiu fazer com que ele entendesse suas necessidades e passasse a respeitar sua escolha, a qual pôde definir com maior tranqüilidade. A partir daí, preparou-se para um novo vestibular e hoje está, ao que sabemos, satisfeita cursando Ciências Sociais.

Outro caso é o de um jovem que estava cursando a quinta fase da Engenharia Civil e, embora não desgostasse, também não tinha convicção de sua escolha. A partir do penúltimo encontro pôde fazer uma re-escolha, tentando transferência interna para o curso de Agronomia, mas sem sucesso. Sua determinação levou-o a preparar-se para enfrentar, com sucesso, um novo vestibular. Hoje está cursando Agronomia e, muito feliz, relatou-nos que o trabalho de REO foi decisivo para que ele “se encontrasse”.

Tais casos, que podem ser considerados bem sucedidos, em nosso entender devem-se também ao alto grau de disponibilidade e comprometimento de tais participantes, os quais se envolveram intensamente nas vivências e no trabalho desenvolvido durante todos encontros.

Um outro caso mostra como, a partir de um trabalho de REO, as pessoas podem se dar conta de que seus conflitos são de caráter existencial e não necessariamente profissional. É o caso de uma mulher com nível de formação em mestrado, e que trouxe como queixa inicial o desgaste em sua profissão, a qual exercia já há vários anos. Durante os encontros foi explicitando uma angústia que dizia respeito a si própria, pelo fato de achar que não fazia nada certo e se sentia inadequada em relação às outras pessoas.

A partir do suporte que recebeu do grupo, e também pela identificação de sua história de vida com a de um dos profissionais convidados para palestrar em um dos encontros, pôde se dar conta de que seu sentimento de inadequação tinha a ver com o fato do grupo de referência no



qual estava inserida não aceitar que ela seguisse um padrão diferente do esperado pelo mesmo. Assim, sendo *diferente* do grupo, ela sentia-se de certo modo excluída e/ou com a sensação de inadequação, fato este também reforçado por consignas familiares que lhe prescreviam o papel da *adolescente problema, da diferente, da ovelha negra*. Observou-se então que, a partir da compreensão da sua dinâmica relacional, onde precisava fazer-se respeitar, em sua singularidade, as insatisfações profissionais tornaram-se mais fáceis de serem elaboradas e as soluções encontradas não implicaram em uma mudança de área profissional, mas sim, no aproveitamento da bagagem de conhecimentos já acumulada até então e no desenvolvimento de novas e criativas possibilidades profissionais dentro da mesma área de atuação.

### **Considerações finais**

É preciso explicitar, a esta altura, que, mesmo apresentando um nível de questionamentos maior, em virtude de terem mais experiências de vida, nem por isso é mais fácil para os re-orientandos chegarem a uma nova escolha profissional, em parte porque esta decisão depende de como cada um lida com seus conflitos e de como vivenciou até agora os dilemas de uma escolha, independente do tipo de escolha que tenha feito, e, ainda, como cada qual consegue perceber e lidar com os fatores e conseqüências que influem e estão envolvidos nos processos decisórios.

Sendo assim, tanto os adolescentes orientandos como os re-orientandos, podem chegar ao final do processo, sem uma definição profissional, o que, a nosso ver, não invalida a experiência, pois, como todo processo, este também implica na criação e abertura de novas possibilidades, que poderão vir a se confirmar ou não, mesmo em outros momentos de vida de tais sujeitos.

Um aspecto novo, percebido por vários profissionais que atuam na área, diz respeito à crescente demanda pela REO, por parte de trabalhadores desempregados. Este fato, de certa forma, nos leva a refletir, se é que pretendemos dar um acompanhamento a este público, sobre a necessidade de uma adequada preparação do re-orientador, já que estará lidando com sujeitos que trarão questões de ordem prática, tais como qualificação profissional, emprego, desemprego, áreas em extinção, novas áreas de atuação, trabalho informal, trabalho em empresas com estrutura de cargos, etc... Entendendo que o re-orientador deva ter um

papel profissional construído a partir da realidade no mundo do trabalho e a serviço do homem, faz-se necessária sua atualização com a evolução histórica do trabalho em nossa sociedade, para que possa auxiliar os re-orientandos a compreenderem em que direção as tendências do presente estão apontando.

Autores como BRIDGES (1998), dizem que não mais existirão oportunidades de emprego, mas sim de trabalho, ou seja, os empregos vitalícios em empresas estruturadas em cargos estão sendo reduzidos e a tendência é desaparecerem para serem substituídos por uma nova “ordem”, onde as pessoas passam a apresentar as *soluções que as empresas necessitam*, mas sem vínculo empregatício. Este mesmo autor assinala que as empresas estão se afastando da estrutura de cargos e se distanciando das práticas tradicionais de contratação. Elas procuram algo diferente e é preciso entender quais são tais diferenças, a fim de tornar-se apto e de buscar ser bem sucedido. Salienta ainda ser necessário entender quais são as alternativas aos empregos, já que existem muitos outros modos de se realizar um trabalho, o que implica no indivíduo assumir novos *papéis*.

O perfil do atual trabalhador é o de um homem mais flexível e capaz de se adaptar a rápidas mudanças. Um homem que, segundo a concepção moreniana, seja espontâneo e criativo. Alguém capaz de dar soluções adequadas diante de novas situações e/ou novas respostas diante de situações antigas. Pudemos constatar que, a partir do momento no qual os participantes puderam esclarecer os “motivos” de suas escolhas, a busca de soluções novas e criativas para a “questão” profissional tornava-se mais viável.

Portanto, é importante e necessário que o re-orientando entenda como e por que o ambiente de trabalho está mudando e qual a lógica subjacente a estas mudanças para poder lidar com este novo universo laboral.

BRIDGES (1998) propõe que, neste ambiente de trabalho, sujeito ao contínuo encolhimento das estruturas de cargos, já não é mais suficiente identificar um ‘setor de atividade em expansão’, uma ‘profissão de futuro’ ou um tipo de ‘negócio que vai crescer’. Em vez disso, é preciso concentrar esforços para se tornar um tipo diferente de profissional. É preciso reconstruir a carreira em torno de uma estratégia para encontrar o trabalho que tem de ser feito a fim de fornecer aquilo que um cliente deseja, e desenvolver diferentes potenciais como a criatividade, espontaneidade e flexibilidade, exigências atuais do mundo do trabalho, o que

implica na reestruturação do modelo profissional, que não mais vise uma única escolha profissional e para a vida toda, mas sim uma preparação para ser um profissional multifacetado, que saiba lidar com a multiplicidade de escolhas.

A intervenção do re-orientador profissional deve ser no sentido de auxiliar os indivíduos a melhor compreenderem esta nova 'ordem' imposta pelo mercado de trabalho e a descobrir em si mesmo habilidades que possam ser potencializadas e aprimoradas a fim de servirem como 'capacidades' a serem oferecidas ao mercado de trabalho. O re-orientador deve auxiliar o cliente a perceber que não existe a escolha certa e definitiva. Existe sim a "melhor escolha" para este momento. É importante o jovem tomar consciência de que estamos vivendo mudanças profundas nas relações de trabalho, e que, portanto, precisamos levá-las em consideração sem perder de vista os aspectos individuais de cada projeto profissional.

### **Referências bibliográficas**

- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. 10ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 1993.
- BRIDGES, William. *Criando Você & Cia. Aprenda a pensar como o executivo de sua própria carreira*. Rio de Janeiro : Campus, 1998.
- LISBOA, Marilu Diez. *Orientação Vocacional/Ocupacional - Projeto Profissional e Compromisso com o eixo social*. São Paulo : PUCSP, Tese de Mestrado, 1995.
- KRAWULSKI, Edite. A Orientação Profissional e o significado do trabalho. In: *Revista da ABOP – Associação Brasileira de Orientadores Profissionais*, v. 2, n. 1. 1998 (5-19).
- SOARES, Dulce Helena Penna. O jovem e a escolha profissional. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1987.